

# A SAPATARIA PORTUGUEZA

Jornal profissional interessando a industria do calçado, e outras que lhe são correlativas

Orgão da Associação Industrial dos Lojistas de Calçado

Director e redactor principal: MANUEL GOMES DA SILVA — Sub-director: ALFREDO CARVALHAL

Assignaturas	REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO	Annuncios
Por series de 6 ou 12 num. (cada n.º) 30 réis	Rua dos Correios, 211, 1.º (vulgo T. Palha)	Cada linha ..... 20 réis
Provincias, idem ..... 40 "		Quando acompanhado de desenhos, gravuras, modelos ou moldes, será augmentado o preço da assignatura do jornal.
Extrangeiro e Colonias, idem ..... 50 "		
Brazil, idem ..... 60 "		

## EXPEDIENTE

A sede da Associação Industrial dos Lojistas de Calçado foi transferida para a rua dos Correios n.º 211, 1.º andar, bem como o deposito da Cooperativa.

O redactor principal d'este jornal recebe a correspondencia ou na sede da Associação ou na sua residencia, rua dos Fanqueiros n.º 190.

O administrador do jornal recebe a correspondencia ou na sede da Associação ou na sua residencia, rua Aurea, 258.

## Ainda a crise

A crise gravissima que affecta actualmente a quasi totalidade dos portuguezes, enfraquecendo o trabalho, cerceando interesses e empobrecendo as familias vem de longe. Pelo menos nós a temos previsto desde muito tempo, o que provamos com a extensa serie de artigos que escrevemos collaborando junto da redacção do *Commercio de Portugal*.

Então corria o ouro inglez, não adquirido pelo *trabalho portuguez*, mas obtido por emprestimos successivos. Ainda o fructo de trabalho portuguez no Brazil, viera annos seguidos compensar a penuria a que era o paiz arrastado pela extravagancia do indolente e mandrião, que evitava trabalhar enquanto podia disfructar o dinheiro alheio.

Os tratados, os negocios em nome de Portugal ajustados com Inglaterra, Allemanha e outras nações prejudicavam o infeliz Portugal. O povo ignorante, facilmente era illudido, o povo que se pôde considerar mais instruido tambem facilmente deixava de attender ao mal que crescia; a sua indolencia e indifferença animavam os exploradores que enriqueciam, enquanto o thesouro nacional se esfalcava e individava.

Afinal cessando o maná dos emprestimos e dos recursos do Brazil, Portugal teve de se governar com os seus proprios. Crescera a receita com os novos impostos, mas crescera tambem a despeza, o *déficit* orçamental que muitas vezes se julgava proximo a morrer, apparecia cada vez mais robusto!

A realidade que hoje todos vêem, e a todos assusta é de tal gravidade, que traz os animos inquietos sobre o futuro.

Como remediar a grandeza do mal? Infelizmente ainda ha cabeças que não sabendo como acudir-lhe se lembram de aconselhar a continuacão de actos que nos conduziram a tamanha infelicidade.

A demora em cortar o mal pela raiz colloca a nação em peor situação; e assim a crise não deixou ainda de avançar.

*Vida nova*, grita-se de muitos lados, mas quando começará ella a valer?

## Cooperativa Industrial dos Lojistas de Calçado

### Parecer do Conselho Fiscal

Em cumprimento do preceituado no capitulo ix dos Estatutos o Conselho fiscal tem a honra de submeter á approvaçã da Assembléa geral o seu parecer sobre as contas da nossa Cooperativa, relativas á gerencia finda em 31 de dezembro ultimo.

A escripturação continúa no systema adoptado desde o começo de fórma a por ella se conhecer todos os esclarecimentos, que exigimos, e que promptamente nos foram subministrados pelos srs. Director-secretario e escripturario.

Folga o Conselho fiscal pelo resultado bastante favoravel da gerencia permittindo garantir o *bonus* de 5 % e repartir verbas sufficientes com diversos destinos, principalmente engrandecendo o fundo de reserva e amortisando por completo os gastos de installação.

Não usou, no anno findo, a Direcção da auctorisação para contractar um empregado para auxiliar a distribuiçã das fazendas, tal economia não pôde continuar, porque talvez produza effeito contrario, a venda com elle deve ser maior e a casa da Cooperativa tambem com o empregado será mais accessivel.

Qualquer gratificaçã, que não pôde ser grande, a dar á pessoa ou pessoas que tenham ajudado a Direcção no expediente das vendas, não parece comtudo ao Conselho fiscal que se deverá negar. Ao mesmo tempo, sem desconhecer que aos srs. Directores deverá pertencer tambem uma gratificaçã do seu trabalho, o Conselho fiscal appella para a Assembléa geral, onde se possa acordar na verba que pela primeira vez se haja de estabelecer.

Finalmente, o Conselho fiscal é de parecer:

- 1.º que sejam approvadas as contas da gerencia do anno de 1892;
- 2.º que approveis as propostas da Direcção, n.ºs 1 a 5;
- 3.º que do saldo excedente dos lucros saiam as gratificações que houverdes por bem estabelecer;
- 4.º que se vote louvor á direcção pelo bom desempenho do seu mandato.

Lisboa, casa da Cooperativa Industrial dos Lojistas de Calçado aos 6 de fevereiro de 1893.

O CONSELHO FISCAL,

- + Luiz José Nunes.
- + Possidonio Joaquim Ferreira.
- + Torcato Ramos de Novaes.

### Assembléa geral

Sessão em 8 de fevereiro de 1893

Sob a presidencia do sr. M. Gomes da Silva, secretariado pelos srs. A. Carvalho e José Climaco se constituiu a assembléa geral com a presença de 21 socios.

O sr. presidente disse ter assignado a representacão ao parlamento em nome das cooperativas da capital contra o projecto do sr. Dias Ferreira, que retira as isenções de que teem gosado estas sociedades.

Lido um officio do socio sr. Pereira da Silva, justificando a sua não comparencia, e declarando conformar-se com o que fosse resolvido.

Lidos o relatorio da gerencia de 1892, e o respectivo parecer do Conselho Fiscal, foi por unanimidade approvado o mesmo sem discussão.

Votou-se por proposta do sr. J. A. Alves a gratificaçã á direcção de 150,000 réis, e a de 12,000 ao sr. A. Pinto da Silva pela sua coadjuvaçã no expediente da cobrança e das vendas.

O sr. J. A. Coimbra, como presidente da direcção de 1892 agradeceu o voto de louvor conferido á mesma.

Passando-se á eleição dos corpos gerentes, foram eleitos por 19 votos os seguintes socios:

*Directores effectivos*.—Manoel Pires, presidente; Joaquim Antonio Alves, secretario; João Climaco de Sousa Marques, thesoureiro.

*Directores substitutos*.—Possidonio Joaquim Ferreira e Gregorio Mendes.

*Conselho Fiscal, effectivos*.—Julião Raposo, Alfredo Carvalho e Francisco Ribeiro dos Santos Lima.

*Conselho Fiscal, substitutos*.—João Antonio André e Jacob Ferreira da Silva.

## Secção Commercial

### O negocio em Lisboa

O commercio e o trabalho na sapataria, durante o mez de janeiro, foi fraquissimo. Geralmente as officinas não trabalharam em cheio. O retrahimento dos compradores cada mez que passa se apresenta mais notavel. As exigencias do barato, do bastante barato, são difficéis de satisfazer, principalmente tendo encarecido as materias primas. Caso extraordinario, cresce a concorrência, o numero dos vendedores augmenta! Os extranhos á arte invadem o nosso campo!

### Os calçados baratos

Assumpto este, nunca como na actualidade, preoccupou tanto os fabricantes de calçado, que primam em fornecer o artigo em boas condições de qualidade e tambem de preço relativamente modico; este assumpto já por vezes tem sido discutido em reuniões da nossa Associação.

Nada ha que possa concorrer para o baratamento do calçado, todos os materiaes estrangeiros e não são poucos, custam maiores preços. O franco já não vale só 180 réis, vale 220 a 240 réis em moeda fraca papel. A libra tambem passou de 4.500 para mais de 5.500 réis. Os direitos na alfandega dobraram ou triplicaram. Artigos nacionaes, não são poucos, os que subiram de valor. O elastico portuguez custa mais e o estrangeiro tem maiores encargos. A vitella preta nacional é rara, e a dependencia do estrangeiro continuou.

Baratear a mão de obra n'uma epocha, em que a alimentação tambem encareceu, não se justifica em presença de motivo tão grave.

Porque pois ha calçados baratos? Porque se queixam os que vendem a boa qualidade?

Diminuiram os rendimentos, tambem os interesses do commercio, escaceia o trabalho, os ordenados dos funcionarios publicos tiveram redução, se diminuiu a receita cresceu a despeza, os *deficits* dos orçamentos domesticos obrigaram a economias.

Estas se manifestaram na habitação e na alimentação, necessariamente teriam de se sentir nos mais artigos do consumo.

Os calçados permanecem mais tempo em uso, já estragados, a sua substituição se demora, e por fim ainda o comprador vae procurar o que custa menos dinheiro, se mais não pôde dispender na melhor qualidade.

Ganharam animação os especuladores da ruim fazenda, cresceu o numero dos Barbas Azues e das Bandeiras de diversas côres, e até o governo com a sua Penitenciaria, todos procuram fornecer o mercado de fazenda barata.

Mas barata porque? O papelão, o couro velho, as imitações de fazendas superiores, substituidas por outras, que são ordinarias, que duram menos, mas á primeira vista illudem, semelhantes materiaes com o trabalho de solarias executadas por mulheres, rapazes, curiosos e presos nas cadeias, eis os recursos de que muitos especuladores lançam mão para attrahir os compradores fracos de interesses, cujo numero a situação desgraçada do paiz tornou presentemente numerosissima.

E, finalmente, a concorrência dos vendedores cresceu, e no nosso ramo entraram, futricando preços, os ferrageiros, os fanqueiros, as casas de modas e de fazendas, os alfayates, os barbeiros, os merceiros, os adelos, e ainda outros.

Como garantir trabalho aos bons operarios, conservar-lhes os salarios, se a crise e a miseria ferem tanta gente?

### A Exportação

Nas reuniões da nossa Associação Industrial dos Lojistas de Calçado por diferentes vezes se tem procurado achar o modo de desenvolver a exportação do calçado nacional para os mercados africanos.

Está nomeada uma comissão, composta dos socios os srs. Germano R. da Silva, Pompilio Pebre e F. R. Santos Lima, para mais especialmente encaminhar o assumpto.

A idéa tem sido de se fazer em commum, e com o concurso dos socios, uma exportação em que sejam associados, concorrendo cada um com uma certa porção, maior ou menor, de pares de calçado.

O mercado a preferir de principio, lembram uns Loanda, outros Lourenço Marques.

A escolha do homem a quem confiar a venda ainda não está decidida. Não seria despesado o auxilio de um caixaieiro viajante, o qual reunindo amostras e comissões de diferentes casas da capital, commerciando em artigos de diversas industrias, as despesas primeiras se dividissem e não fossem assim tão onerosas ao nosso grupo.

Os nossos portuguezes, acostumados a esperar em suas casas, os compradores e até os estrangeiros viajantes, são difficéis para adoptar e seguir os exemplos que nos dão todos os dias os estrangeiros, que saindo dos seus paizes, vão longe, buscar consumo aos productos das suas industrias.

Não podemos viver só do consumo interno, nem as fabricas que agora mais se procura crear ou desenvolver poderão trabalhar em maior escala e a preços mais accessiveis, se apenas nos limitarmos á extracção que uma nação pequena, atrazada e pobre, pôde offerecer.

A exportação precisa crescer se queremos ter com que pagar a importação que carecemos. Crescendo a exportação o trabalho será mais garantido aos nossos trabalhadores e operarios que apenas como recurso para viverem d'elle dependem para o pão de cada dia. Senão a emigração irá em medonho crescendo.

## Secção de Correaria

### Trabalho nas prisões

As influencias perturbadoras que diariamente aggravam a situação economica das classes produtoras, veio modernamente juntar-se um novo factor de desequilibrio, que, fazendo já sentir directamente a sua influencia nociva, deixa igualmente antever futuros conflictos, cuja resolução se tornará tanto mais difficulosa quanto maior for a amplitude e desenvolvimento que a sua acção abranjer.

Referimo-nos ao trabalho dos detidos, cuja importancia está merecendo a mais severa attenção da parte do operariado culto, que nos seus congressos, nas suas conferencias, na sua imprensa emfim, tem convidado os respectivos governos, a encarar cuidadosamente um tal systema de produção, que vae sobrecarregar o operario livre com a concorrência desleal de artefactos produzidos em especiaes circumstancias, das quaes resulta um excesso de barateamento, com o qual não lhe é possivel concorrer.

Em Portugal datam da criação da Penitenciaria Central de Lisboa, os primeiros effeitos d'este regimen, havendo mesmo classes que já se encontram a braços pela crise produzida com a abundancia de productos saídos d'aquella casa de reclusão, taes são entre outras, a marcenaria, a carpintaria e a sapataria.

Não pertencemos ao numero d'aquelles que pretendem condemnar o homem criminoso a uma ociosidade forçada, esquecendo que elle é antes de tudo um ente humano, tendo direito a satisfazer as necessidades inadiaveis da acção e do movimento sem as quaes todo o organismo se atrophia e depaupera. Das varias conclusões a que tem chegado nos ultimos tempos a evolução juridica, alistamo-nos sem reserva entre os mais avançados.

Para nós o criminoso não é essa besta fera para quem a sociedade deve reclamar a vingança premeditada, procurando restabelecer a longa evolução do pensamento humano que suaviza os costumes e ennobrece as paixões, a velha lei de Talião, de execranda memoria, apenas compativel com épocas e costumes que a perderam para sempre, na noute infinda dos seculos.

E' certo que algumas vezes quando a opinião accorda emocionada, por algum crime inaudito revestido de circumstancias atrozes, a sympathia e o affecto pela dor da victima levantam clamores de represalia, que chegam a ter apparencias de crueldade da parte dos que clamam.

Aos que porém mais ou menos se tem entregue ao estudo das complicadas manifestações cerebraes, o criminoso apparece revestido d'um aspecto inteiramente diferente, como um producto determinante de causas que inconscientemente influiram no seu espirito, arrastando-o por gradações successivas até á pratica do delicto. A escola que attribue ao homem o livre arbitrio e que outrora contou innumeraveis adeptos, vê hoje derruir a cada instante as suas bases seculares.

Novas investigações impozeram pela evidencia outras noções e outras formas de encarar os actos que transornam ou desequilibram a convenção ou pacto social.

O homem não é realmente aquillo que ambiciona ser.

A sua vida phisica, como a sua vida mental, resulta em grande parte da herança dos seus antepassados e das condições cósmicas e sociaes a que podemos chamar meio ambiente.

Não queremos com isto dizer que o homem semelhante à planta ou a qualquer outro ser, não possa modificar e aperfeiçoar os seus habitos e qualidades nativas, ou adquiridas, quando collocado em situação que permita o especial cultivo.

Infelizmente porém esta acção que se manifesta principalmente, por um bom systema educativo, nem sempre dá os resultados excepcionaes que muitos julgam de direito exigir.

Todo o passado que nos foi legado pelos nossos antecessores, peza sobre nós, como uma abobada sulfocante e esmagadora, e impera nos nossos actos, apesar da nossa vontade propria, lei esta inexoravel, que fez dizer a um pensador illustre: que os mortos commandam os vivos.

D'uma boa educação comtudo, pôde até certo ponto, depender o atropiamento de instinctos que quando livremente desabrochados tirariam ao individuo os sentimentos ennobrecedores da vida affectiva impellido-o á baixa condição d'um ente degradante que ás vezes parece esquecer a solidariedade da propria especie.

Ociosos será dizer que, sendo entre nós e educação não só defeituosa, mas tambem deficientissima, o seu resultado como factor do obstruccionamento do crime por fórma alguma pôde ser apreciado.

Encarado pois o delinquente, como um ser infeliz, que forças estranhas o levaram á pratica de acções condemnaveis, a sociedade deve-lhe piedade e commiserção, sem esquecer que o seu convívio se torna perigoso e demanda attenciosa vigilancia, quando a culpabilidade denunciou a existencia de instinctos cruéis e na consumação de actos de gravidade menos activa, a reparação parece obedecer a um sentimento racional.

Em qualquer dos casos pois o que importa saber é o destino a que deve ser entregue o homem, que deve á sociedade a satisfação das suas faltas.

O isolamento cellular nunca poderá preencher este fim. Reduzir o desgraçado a um automato, condemnal-o a um mutismo cruel dando-lhe por companheiro unico o remorso que como um phantasma sinistro, deve reflexionar-se na sua alma perturbada e abatida, é o meio de reparação social que moralmente a cousa alguma responde e que além de ser deshumano só tem de pratico o supprimir no homem o espirito do crime para o transformar n'um imbecil inutil e incapaz de se levantar moralmente por uma regeneração saudavel.

Do que acima expomos, deve-se concluir que a ociosidade das cadeias nos parece condemnavel e que ao contrario, tudo que denuncie tendencia para as transformações em centros de alegre laboração, nos parece digno de applauso e incitamento não esquecendo mesmo que devendo ser o trabalho aqui como n'outro qualquer lugar, distribuido em harmonia com as diversas aptidões e com a hygiene dos trabalhadores, a criação de colonias agricolas seria uma instituição benefica e salutar porque ao mesmo tempo que dava logar ao desenvolvimento da musculatura permitia ao homem detido oxigenar com o ar fresco dos campos o sangue empobrecido pela atmosphera mephytica da prisão.

Applaudindo o trabalho dos prisioneiros, como factor de moralidade e bem-estar, revoltamo-nos, porém, contra o caracter de ignominiosa exploração a que se está prestando e contra a qual é do nosso dever levantar-nos, procurando que os governos reconheçam que nunca em caso algum o trabalho produzido n'aquellas casas possa ser entregue ao mercado, em condições de preço inferior aos que são entregues por operarios livres, cujos encargos lhe impõem uma fatigante actividade, desenvolvida em condições muito diversas das dos detidos.

A correaria se não é das classes que já soffrem por esta ordem de cousas, é comtudo d'aquellas que d'um momento para o outro pôde ser gravemente affectada.

Com applicações mechanicas, por enquanto muito restrictas, com um genero de trabalho facil de localisar ainda mesmo n'um limitado espaço, a confecção dos nossos artigos não é das mais difficéis de se adoptar nos reclusos, e tanto isto é verdade que as nações, cuja preponderancia no equilibrio europeu mais energeticamente influem pela conservação dos grandes exercitos permanentes, principiam a procurar nas penitenciarías avultados fornecimentos que lhes são necessarios, e ainda ha bem pouco em França o Congresso da Sellaria Militar tratou este assumpto com larga elevação e criterio.

Acostumados ha muito a soffrer as duras contingencias da nossa vida de salarizados, sentimos o dever de encarar o futuro e procurar no estudo e na observação o anticipado prophylatico para as crises dolorosas, com que uma circumstancia inesperada nos possa lançar a braços.

Oxalá que os nossos vaticínios nunca ultrapassem os limites d'uma phantasiada previsão, e que as nossas palavras de hoje sirvam apenas para expressar o nosso modo de ver e a nossa sympathia pelos soffrimentos alheios.

## Noções sobre o exterior do cavallo

(Continuação)

Ligam-se á *cachaceira* as *faceiras* e a *siggola*, caindo as primeiras sobre as *faces*, paredes membranosas, que fecham litteralmente a *bocca* e que tem por base a *maxilar* superior, as quaes são raramente magoadas por estes accessorios, devendo os *antolhos* ficarem de um e outro lado com o centro á altura dos *olhos*.

Os *cainbos*, onde se prendem os *olhaes* dos *espelhos*, dos freios, devem ficar a igual altura nos dois lados.

A segunda, guardando a *ganacha* por onde passam os tubos dos aparelhos digestivos e respiratorios, devendo assim ser conservada sempre bastante folgada, afim de não perturbar o regular funcionamento de orgãos que no phenomeno da vida representam um papel tão capital.

E' sobre as *cartilagens* dos ossos *nasaes* que repousa a *focinheira*, esta parte é extremamente sensível e qualquer excesso de pressão n'ella, tornar-se-hia encommoativo e quasi que um instrumento de rigor para o cavallo.

As *commissuras* ou *cantos da bocca* que são a junção dos dois *labios* tornam-se muitas vezes a sede de ferimentos e *echimoses*, natural consequencia da brutalidade dos conductores ou mesmo da *dureza* do freio.

O freio é *doce* ou *macio* quando tem os *ramos* ou *cainbas* curtos, o *bocado* grosso e a *montada* baixa, é *duro* ou *rijo*, o que tem os *ramos* extensos, o *bocado* delgado e a *montada* alta.

Deve-se portanto ajustar o freio de fórma que em descanço a sua acção seja nulla sobre as *commissuras*, notando-se ainda que a pressão que se lhe imprime, se exerce com uma intensidade muito maior sobre o animal do que sobre a mão que o guia, podendo ainda como acima se notou, ser augmentada pela extensão dos *ramos* ou pouca grossura do *bocado*.

E' dever pois esforçar-nos por generalisar o uso de freios de *ramos* curtos e *bocado* grosso os quaes, sendo menos cortantes e pouco curvados, permitem ao cavallo de o levantar com a lingua, aliviando assim as *barras* que medem até certo ponto a sensibilidade da *bocca* que são por demais submettidas a duros sacrificios; excepção feita para aquelles que por indocilidade nativa ou adquirida por longo serviço dirigido por mãos inhabéis, se tornam rebeldes ao governo.

*Barbada* é o sitio onde se colloca a *barbella*, devendo esta para assentar bem, estar destorcida e quando o animal for muito sensível de *bocca*, ficar folgada.

### Tronco

Pertencendo o cavallo ao grande ramo zoologico dos vertebrados, o seu tronco tem por base a *columna vertebral* cujas *vertebras* serve de apoio aos *musculos*, e formam a parte essencial do tronco.

Entre os cavallos submettidos a um duro e deprimente labor raras vezes esta região se encontra em estado de perfeita saude.

No cavallo de *sella* exige-se que o *pescoço* seja *comprido* porque augmenta o braço da alavanca e favorece a elegancia dos movimentos, assim como no cavallo de *tiro* o *pescoço* deve ser curto porque então é dotado d'abundancia muscular e por isso capaz de desenvolver grandes esforços.

*Peitoral* é a parte anterior do tronco comprehendida entre os dois *encontros*. Diz-se *peito de rola* quando é largo e bem fornecido de *musculos*, é proprio tambem dos bons cavallos de *tiro* e revela uma constituição *athletica*.

Devemos aqui notar mais uma vez que sendo a *coalheira* o artigo, cujo peso mais se reflecte no animal, deverá ser sempre o mais leve possivel, sem que contudo deixe de offerecer a segurança e resistencia necessaria para o esforço enorme que sobre ella inside durante a tracção, occasionado da sua imperfeição, proporções irregulares e mau ajustamento, feridas, compressão das vias respiratorias e congestões na cabeça.

A *cernelha* ou *agulha dorsal* é a parte mais alta do tronco. A *cernelha* sendo alta facilita a melhor collocação da *sella*, o *peito* tambem ganha em altura o que é um bom requisito para os cavallos de corrida.

*Dorso* ou *selladouro*, é a região immediata á *cernelha*. *Dorso insellado* (isto é, *comprido* e incurvado), é o mais proprio para o cavallo de *sella*, pelo contrario o *dorso de mulo* (isto é, horizontal ou arqueado) convém ao cavallo de *tiro* ou de *carga*. No primeiro caso o cavallo quasi sempre é fraco, no segundo é solido, forte e bem construido.

Ora descançando o *sellim*, o *cilhão* e a *cataplasma* sobre o *dorso*, exige-se para a sua perfeição que não toque na *agulha dorsal*, mas sim que repouse simplesmente e o mais suave possivel sobre os *musculos* da direita e da esquerda que recobrem as *vertebras dorsaes*, n'este ponto.

Pela excessiva compressão ou defeito dos artigos que assentam sobre esta região está ella sujeita a ferimentos de muita gravidade porque, sendo *phistulosos* podem produzir os graves accidentes da infecção purulenta e septicemia.

E' no enchimento dos *madouros* que se deve ter este facto em muita consideração, porque d'elles dependem todo o bem estar do cavallo n'esta parte do corpo.

*Cilhadouro* é assim chamado o lugar por onde passam as *cilhas* e corresponde á parte inferior das *costellas* e a uma porção do *esterno*.

Da boa conservação das *cilhas*, depende o impedimento de uma origem de males que são em geral bastante conhecidos por *mal da cilheira*.

Se com effeito um cavallo é mal *cilhado*, estas comprimm uma certa quantidade de pelle e de carne que depressa se corta, dando occasião a chagas cuja cura e cicatrização recommendam obrigatorio descanso. Atenuam-se porém estes maus effeitos, em guardando as *cilhas* com feltro ou pelle de carneiro, convido antes evitá-lo, o que até certo ponto se obtém, conservando as *cilhas* em um estado continuo de maciera pela limpeza e engorduramento.

*Retranca*. Para que este artigo satisfaça ao fim a que é destinado deverá a sua collocação ser a mais horisontal possível e um pouco abaixo das *nadegas* devendo, por isso ser afivelada convenientemente dos dois lados aos respectivos *raios* e o seu ajustamento ser feito de modo que o animal fique com os movimentos bastante facéis.

Se a *retranca* ficar muito alta passará para cima da *ponta das nadegas* indo ferir a *cauda* e n'esta posição de nada serve, se ficar descaída, alem de tambem encomodar o animal não poderá este empregar a força que devia para sustentar o vehiculo.

Trabalhando a *retranca* sobre as *nadegas* e sendo este logar muito melindroso, principalmente nos animais magros, não é de mais recommendar para ella o mais perfeito acabamento na sua parte interna e durante o serviço não ser descuidado o seu asseio.

Da *rabicheira* pouco ou nada diremos apesar de ser reconhecida a sua incontestavel utilidade. A sua conservação deve ser rigorosamente mantida, não devendo nunca estar nem muito seca nem muito justa.

E' mister attender a que a parte debaixo da *cauda*, é apenas uma membrana ligeira e desprovida de pelo e que por consequente a menor arranhadura produzida pela *boneca* pôde dar origem ao apparecimento de tumores dolorosos para o animal e desagradáveis á vista e ao olfacto.

### Os membros

Os membros devem ser considerados como supportes do corpo e como órgãos de impulsão e de locomoção.

Nos cavallos corredores a *espada* deve ser comprida, secca e inclinada para dar maior latitude ás andaduras.

Nos cavallos de *tiro*, em que se exige mais vigor e energia do que rapidez de movimentos, deve ser curta, cheia e direita.

Como já dissemos ao principiar este artigo os membros jamais são lesados pela culpabilidade do correio; muito ao contrario a sua acção para estes é absolutamente perseveradora; as *joelheiras* protegem contra os accidentes que provém das quedas assim como outros accessorios que evitam os estragos resultantes dos desastres a que o cavallo está sujeito durante o serviço.

Taes são em resumo as breves noções que entendemos do nosso dever indicar, não desconhecendo que uma tal materia daria logar a explanações mais amplas e mais proficias, limitando-nos agora ao que fica exposto desejaremos que este breve ensaio abra para nós e para os nossos, margem a novas cogitações.

Da *Gironde illustrée* transcrevemos a noticia abaixo, dominados como estamos pelo intuito de vulgarisar, a maior somma de conhecimentos que tenham como principal vantagem, o sentido pratico junto á utilidade.

### Gordura para arreios

Quando os arreios ou guarnições tem sido expostos á chuva ou que por longo tempo tenham sido conservados em deposito, é frequente o couro cobrir-se de bolor.

Ora o bolor é uma vegetação infinitamente pequena, mas que o priva de sua força e elasticidade.

Outros casos existem em que se fórma uma camada viscosa que provem do engordamento exagerado, ou mesmo do emprego de maus ingredientes que se compoem á superficie do couro e por consequencia o altera.

Evitam-se esses maus resultados engordurando os arreios com a seguinte preparação.

Tomam-se quatro partes de ammoniaco, ás quaes se juntam uma parte de azeite de palma, tres partes de sabão branco e uma parte de tannino.

Derrete-se primeiramente o sabão branco no azeite de palma, juntando-lhe o ammoniaco e em seguida o tannino que anticipadamente se dissolve em uma quantidade de agua a ferver, que seja igual ao seu peso.

Depois de tudo isto reunido intimamente, vasa-se e conserva-se em vasilha vidrada tendo o maior cuidado em a conservar sempre coberta.

Em caso algum o couro deve ser sobrecarregado com quantidades excessivas: para obter o resultado que se tem em vista, basta que esta se applique até que o couro se negue absorvel-a.

## Apontamentos para a historia dos coiros e das pelles em geral

### Continuação

Entre as operações preliminares a que a pelle é submettida, logo apoz a extracção da rez abatida, é a sua salga.

O sal é com effeito um antiseptico por excellencia, em face das suas qualidades absorventes, toda a humidade desaparece e com ella as causas que podem determinar a putrefacção de todas as materias organicas.

E' certo que em alguns paizes, como a America do Norte por exemplo, é á acção do calor solar que se entrega esta operação.

Nenhuma duvida que o sol quando, pela sua posição, irradia fortemente uma determinada região, com os seus raios caloríferos, modifica sensivelmente todos os corpos.

A secca das pelles por um tal processo, é mesmo de uso geral entre os povos que pela sua inferioridade, não attingiram ainda os primeiros rudimentos da industria e para os quaes são desconhecidos os varios agentes de que nós dispomos.

As imperfeições que resultam d'este systema, são bastante graves, e o seu uso parece por isso dever ser condemnado.

Exposta a pelle a esta origem de calor, secca-se rapidamente da parte dermica ou carnaz, emquanto que o lado opposto que é voltado para a terra, recebe a humidade do solo que se condensa sobre o pelo.

Debaixo da influencia d'esta temperatura humida, as pelles fermentam e alteram-se do lado da epiderme ou flor, principalmente no verão em que a putrefacção atinge até ao meio da sua espessura. Quando seccas, é muito difficil ainda ao olhar mais exercido, reconhecer a alteração que não se annuncia por nenhum indício exterior, logo porém que entram na officina para o corte, os seus defeitos evidenciam-se e quando d'alli sahidas, a sua duração é breve e apenas servem de ludibrio ao consumidor.

Com o emprego do sal esta operação importa alguma despesa, mas os seus resultados são deveras compensadores.

Durante a salgação o objectivo especial que o operario deve ter em vista, é a uniformidade com que o sal deve ser distribuido sobre toda a superficie. A desobediencia a este principio occasiona manchas que depois da pelle cortada, se annunciam com uma cor mais ou menos carregada.

Estas manchas tem por causa principal a alteração das partes que não foram attingidas pelo sal e que ficam sujeitas a fermentação ou putrefacção, que se declara debaixo da influencia de agentes morbidos que nada impede, que se desenvolvam; uma vez esta destruição operada é impossivel repara-la, por qualquer meio mechanico ou chimico.

O sal marinho deve sempre merecer a mais escrupulosa preferencia.

Nas nações onde elle se encontra sobrecarregado de tributos excessivos, procura-se diminuir o seu consumo, adicionando-lhe materias estranhas taes como sal-gema, oxidos de ferro ou de magnésio que são essencialmente nocivos.

E' tambem commum, o emprego do acido phenico na proporção de 4 por 1000 não podendo a pequena quantidade d'este antiseptico prejudicar a pelle, nem tão pouco communicar-lhe nenhum odór especial.

O sulphato de soda é tambem digno de menção e ha pouco uma importante associação profissional «*Société des tanneurs de Bohême*», adoptou a salgação das pelles por este meio; este sal actua como o sal ordinario; a agua da pelle é retirada, porém fica combinada do sulphato de soda que se crystalliza e não produz a salmoura liquida.

(Continúa).

## A cavallariça, a carruagem e o arreo

NOÇÕES SOBRE O CAVALLO

(Continuação)

### A mangedoura

Todos aquelles que no interesse das sciencias tem cultivado com esmero o estudo da vida intellectual dos animais são unanimes, em reconhecer que quasi todas as sensações que o homem sente, são igualmente peculiares ao resto da criação.

A obediencia á hygiene e as exigencias do paladar, não podem portanto ser extranhas principalmente a animais que occupam um logar elevado no mundo dos seres organisados.

Todos os animaes, experimentam uma determinada reluctancia quando se encontram em face de alimentos extranhos ou que por deteriorados repugnam ao paladar.

No estado selvatico em ampla liberdade, o instincto é guia segura para a satisfacção conveniente das suas necessidades nutritivas. No estado domestico porém, em que recebem como alimentacção aquillo que os seus proprietarios lhes fornecem o caso é na verdade bem diverso.

A qualidade dos alimentos, o seu asseio e o do logar onde elles devem ser consumidos, devem merecer a continuada attentção dos que no interesse proprio e no reconhecido dever que temos para com os seres cuja força exploramos, encontram n'isso obrigações bem imperiosas.

Sobre o regimen de alimentacção é aos praticos, é aquelles que estão no dominio d'um tal estudo physiologico, que este assumpto deve ser confiado, estando fóra dos nossos dominios, apenas nos limitaremos a indicar que os cereaes concentrados e as verduras frescas e de fina qualidade, devem ter um papel importante n'esta funcção determinante da vida e da conservacção.

Da mangedoura diremos que o logar e a fórma da sua collocacção não são casos tão futeis, como á primeira vista poderiam parecer.

Antes que os alimentos sejam ingeridos, elles passam pela trituração que se executa por meio dos dentes e dos mais orgãos da boca, sendo depois d'esta previa laboração transmittidos ao estomago, onde vão entregar a assimilação a parte nutritiva que encerram.

A ninguem já hoje é extranho que, quanto mais perfeita for a mastigação menos difficil e laboriosa será a digestão, sendo digno de reparo que todo o trabalho excessivo que seja entregue ao estomago, este apenas o executa em detrimento das outras forças que concorrem para o geral equilibrio da vitalidade.

Os cavallos cuja mangedoura se encontra collocada á altura do peito, ou mesmo a nível superior, adquirem o pernicioso habito de tomar os alimentos sem os mastigarem, vicio este cujos resultados acima apontamos.

Se lançarmos por exemplo uma porção de aveia ou outra qualidade de grão sobre o solo o animal para apprehender terá de dilatar o pescoço obrigando-se a um certo esforço, mas que pela difficuldade da deglutição terá de fazer uma mastigação mais demorada logo que d'outra forma encontraria difficuldade na passagem atravez o longo canal digestivo. Procurando evitar os inconvenientes que dos dois casos resultam, a altura da mangedoura deve sempre merecer reservada precaução, não convindo que nunca em caso algum, esta deixe de se encontrar um pouco abaixo do peito.

Todas as materias que possam ser involuntariamente misturadas nos alimentos e que lhes sejam extranhas devem ser retiradas. Na época em que os animaes são submittidos ao regimen do verde toda a vigilancia é necessaria para que elle não venha inquinado de liquidos fétidos que lhe deteriorariam as boas qualidades odoríferas que lhes são proprias.

### As prisões

Para todos é evidente a energica actividade do cavallo, junto á intelligencia que manifesta em todos os actos que lhe são habituaes e ainda aquelles a que se submete em virtude d'uma anticipada educacção.

Se não fóra o movimento instinctivo que os arrasta para o combate com os seus semelhantes e ainda por outros pequenos inconvenientes, as prisões para este nobre animal não deviam ter existencia.

N'isto porém como em tantos outros casos a natureza dita como senhora soberana as suas leis implacaveis e ao homem só cumpre obedecer.

Necessario se torna no entretanto, suavisar a obediencia ás suas intimacções e aqui depende bastante de nós uma tal suavidade.

As correntes ou cadeias denunciam os seus mais directos effeitos em virtude da sua extensão: a prisão curta algema o animal á mangedoura, suspende-lhe todo o movimento transformando-o n'um automático; sendo longas tem o inconveniente de se enlancarem nos membros locomotores podendo resultar a quebra de algum d'elles, o que para os equidos importa uma perda total.

Conservar as prisões em comprimento conveniente é pois da maior utilidade não esquecendo que a sua medida depende muito dos habitos e qualidades do animal que se prende, sendo os indocéis e de natureza irascivel aquelles a quem unicamente devem ser applicadas as prisões curtas.

D'entre o grande numero de cavallos que o homem tem reduzido á domesticidade são relativamente bem poucos aquelles que a ociosidade atrophia e amolce.

Existe porém, ainda assim um grande numero, não só nos exercitos mas tambem em casas cujos bens de fortuna permitem este luxo. Pela sua vivacidade o cavallo a quem a fadiga destroe, soffre tambem com o monotonico quietismo do continuado aprisionamento.

São-lhe necessarios os largos movimentos, o ar fresco e abundante que lhe provoque uma farta hematose, ao mesmo tempo que a dilatação visual atravez os grandes espaços.

Ninguem existe que não tenha notado as singulares manifestações de alegria que depois d'um largo repouso elles apresentam, quando postos em liberdade ou mesmo durante o passeio. E' que as cadeias que o ligam são um cruel antagonismo á sua estrutura e compleição agil e buliçosa.

Recommendar pois os passeios aos cavallos forçados a uma vida ociosa, é quasi que desnecessario, tão evidente é esta necessidade que elles representam nas suas manifestações como que indicando ao homem as urgencias organicas da sua constituição.

(Continúa).

### Aperfeiçoamento de carruagens

A companhia de omnibus e tramways de Glasgow acaba de trazer aos seus vehiculos de circulação, uma modificação importante que tende a resolver em parte os inconvenientes que resultam da trepidação provocada, pelos resaltos provenientes da desigualdade de nivelamento das ruas e estradas e que tão seriamente encommodam as pessoas de natureza sensivel, ou aquellas cujo estado de saude é de tal forma melindroso, que convem ficar estranhas a todos os movimentos bruscos.

Para conseguir este meio, foi resolvido applicar ás rodas um apparelho pneumatico que não produzindo ruido algum, amortecce os choques e só muito ligeiramente os transmite á carruagem a qual por uma vez é interiormente guarnecida de molas collocadas na parte inferior das almofadas, o que dá em resultado todo o effeito exigido.

Esta empreza, como de resto, já tantas outras, emprega para a illuminação interior das suas carruagens as lampadas electricas de incandescencia, as quaes fazem brilhar a sua luz irradiante, durante 8 horas consecutivas sem que seja necessario recorrer a novo carregamento electrico.

### Secção Pautal

A Associação Industrial Portuense dos Lojistas de Calçado pediu na sua representacção em data de 13 de dezembro ultimo, dirigida á commissão revisora das pautas, que se fizessem na pauta vigente as seguintes alteracções:

- 1.º Pelles ou couros cortidos em côres ou preto amarroquinadas, envernizadas ou marroquins, kilog. 300 réis.
- 2.º Pellicas, pezando a duzia mais de 3 kilog., kilog. 300 réis.
- 3.º Pellicas sem distincção de côres ou acabamento, pezando cada duzia menos de 3 kilog., kilog. 800 réis.
- 4.º Pelles ou couros cortidos não especificados, kilog. 250 réis.

### Secção Economica

#### Effeitos do proteccionismo

##### II

Não é preciso ser muito perspicaz para vêr que um bom principio posto em pratica pôde não dar os bellos resultados que elle promete, não estando preparado o terreno para o receber ou a occasião não sendo opportuna.

A proteccção ás industrias deve principiar pelo principio. Enunciar esta proposição parece absurdo ou pelo menos ocioso. Dir-se-ha que quando se começa é sempre pelo principio. Pois não é assim. Muitas vezes começa-se pelo fim, devendo attribuir-se a este transtorno o mallogro das mais sympathicas tentativas.

A proteccção aos cortumes devia começar por a implantação de fabricas proporcionando-se-lhes todos os elementos de prosperidade: capitaes a juro modico, premios de fabricacção, isenção d'impostos, etc., e quando a producção estivesse assegurada, então era occasião de impedir a importação das pelles cortidas.

Mas não se fez assim. Principiou-se pelo fim.

Compreende-se que se estorve a importação do calçado, temos cá muito quem o faça e bom; porém estorvar a das pelles preparadas é um erro grave. Com que fim? Com o de promover o progresso dos cortumes nacionaes... que não temos ainda, nem gente habilitada para elles.

Todavia eu louvo as boas intencções de quem defendeu, n'este ponto, o proteccionismo.

Porto. — Fevereiro de 1893.

A. S. Jorge.

## Secção Colonial

### Alfandega de Loanda

Chamamos a atenção do sr. ministro da marinha para a resolução de 30 de maio ultimo, pela qual a comissão de recursos deliberou que os sapatos de trança, despachados nas alfândegas de Angola, paguem o direito antigo de 25 % sobre o valor declarado.

A nova pauta, em vigor, condemnou o direito *ad valorem* e estabeleceu direitos especificos para os calçados, 12000 réis por kilo para calçados de todas as qualidades, com excepção de certa qualidade grosseira para commercio com gentio, o par pezando mais de 700 grammas, para a qual a pauta marca o direito de 300 réis por kilo.

A deliberação da comissão é fundada em que o sapato de trança não foi mencionado. Para que ? Se está comprehendido no dizer generico de *outras qualidades*.

Percebe-se a intenção de conceder o mesmo beneficio a outros calçados além do de trança, chamando-lhes grosseiros com pezo inferior ou igual a 700 grammas!!!

Podemos afirmar que a comissão que elaborou a pauta em Lisboa não se esqueceu que se importavam em Loanda sapatos de trança.

O que é certo é que uma parte do commercio, indifferente aos interesses da industria nacional, recorre a todos os meios de só promover os seus interesses, ou seja pelo contrabando, ou pelas facturas falsas, ou pelos sophismas illudindo a verdadeira execução da lei.

O negociante honrado é prejudicado, senão fizer causa comum com os defraudadores da fazenda nacional.

Os membros da comissão de recursos, não os querendo accusar de conniventes em satisfazer a lembrança dos importadores reclamantes, em prejuizo do Estado e da industria nacional, só nos resta o recurso de os julgar menos perspicazes e pouco intelligentes na interpretação da lei, a qual por ser bem clara, não carecia de interpretação, pois omissão não existe desde que se esta-

beleceu direito separado para os calçados de outras qualidades; e de outras qualidades deve entender-se aquellas não especificadas. Eis como em Africa uma parte do funcionalismo defende o trabalho nacional, e assim tambem na Africa Oriental os soldados portuguezes calçam botas inglezas!

Constantemente a industria portugueza se acha em luca com os representantes do Estado, aquellos mais propensos a favorecer interesses estrangeiros, especialmente ingiezes.

## Secção Noticiosa

**Em Castello de Vide.**—No concelho de Castello de Vide foi fundada modernamente uma fabrica de cortumes pelo sr. Vicente Joaquim Bugalho.

**Cortumes em Mossamedes.**—Na missão de Huilla a sua fabrica de cortumes produz annualmente 1:500 couros, que são vendidos em Mossamedes e nas colonias do planalto. Na sua officina de sapateiro ha uma machina de cozer.

**Pellicas bezerros.**—Os srs. Silvestre & Irmão, com fabrica de cortumes na rua do Forno da Cal, n.º 9, ao Giestal (Lisboa) declararam á comissão revisora das pautas, que teem em via de fabrico vitellas pretas e bezerros pellicas.

**Sociedade Cooperativa Silvense.**—Tem 285 socios, e um capital de 5:096.414 réis, vendeu 13:768.665 réis no anno findo. Sustenta uma sapataria, além de outros ramos de negocio e industria. O valor empregado em artigos de sapataria era de 679.860 réis. Deu em 1892 o juro de 5 % ao capital, e um bonus de 5 % ao consumo. Sua sede em Silves (Algarve).

**Comissão revisora das pautas.**—Tem muito adiantados os seus trabalhos, mas interroga-se o que resultará d'elles? A classe industrial não está tranquilla, a falta de boa fé fugindo até agora a uma pauta minima, o mysterio com que se estão negociando tratados, fazem receiar alguma surpresa desagradavel. Já tivemos a surpresa das ventarolas e das perfumarias.

## FABRICA DE CORTUMES ESPERANÇA

DE

## Benitez, Loureiro, Centeno & Coelho

Officinas movidas a vapor e processo electrico

Ribeira d'Alcantara — VILLA POUCA

LISBOA—Escriptorio—Rua dos Douradores, 41, 43

MARCA REGISTRADA

Unicos socios: — Firmino Benitez Lopez, Ricardo Loureiro, Domingo B. Centeno, Ernesto Coelho

Fabricação especial de vitellas pretas (imitação do veau-ciré)

Vitellas brancas — Couros de todas as qualidades e peles miudas

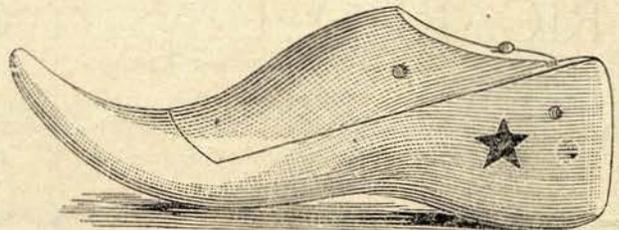
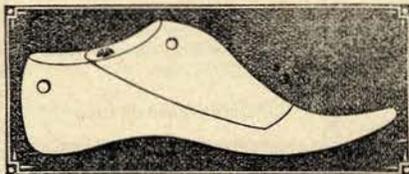
Correias de transmissão de todas as larguras dobradas ou singelas e atilhos

## UNICO DEPOSITO DE FORMAS ALLEMAS

240—RUA DOS FANQUEIROS—242

João Ignacio Romão

Com armazem de sola e pelles de varias fabricas nacionaes e estrangeiras

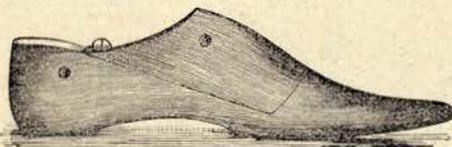


**JACINTHO J. RIBEIRO**

GRANDE DEPOSITO DE ARTIGOS PARA CALÇADO

**Lisboa — 194, Rua dos Fanqueiros, 200 — Lisboa**

Pelleria de côr  
em todas as qualidades  
para  
calçado de verão



Sortimento colossal  
de FORMAS  
de todos os modelos  
e tamanhos

Tem sempre avultado sortimento de fazendas da sua especialidade que recebe directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

**Fabrica a vapor de Alpargatas****Gonzalez & Tejedor**

7 — RUA DO BOM SUCESSO — 7  
LISBOA — BELEM

Diversidade de qualidades para homens, senhoras e meninos, para uso da rua, de casa e de banho.  
Deposito em Lisboa na rua d'Alfandega, 114, casa Veiga & C.ª

**MANUFACTURA DE COUROS ENVERNISADOS**

Bezerros pellicos e pretos engraxados

**GASQUIEL — DONZEL**

à AUBERVILLIERS (Seine, França)

Depositos em Paris

30, rue de Rambuteau

Representado por DIEGO ARACIL

31, MAGDALENA = MADRID

**P. PLANAS**

92, Calle de San Pablo, BARCELONA

Constructor de máquinas especiales para la fabricacion de calzado  
Membro de la Academia Nacional de Paris, y de la Sociedad Cientifica Europea, de Bruselas  
Premiado con medalla de oro  
en Barcelona y Bruselas, y de plata en Paris y Buenos Ayres

Ofrece á los fabricantes e zapateros portugueses, toda clase de maquinaria la más perfeccionada que se construye en el dia, como lo acredita el haber montado las principales de España y Sud-America.

Envio de catálogos detalhados segun demanda

**DEPOSITO DE MATERIAS PRIMAS**

PARA SAPATEIROS E CORREIROS

DE

**RICARDO DIAS & C.ª**

159, Rua dos Sapateiros (Arco Bandeira), 1.º

**LISBOA**

Artigos de fabricantes acreditados, e de marcas conhecidas n'este mercado

**Vendas por grosso****Cera preta e branca**

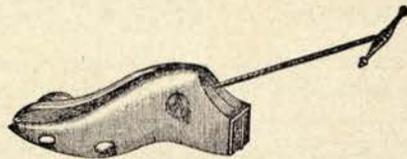
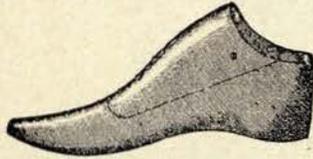
8

Em pastilhas, para o calçado. Marca muito superior a todas as outras que tem havido. Só se vende na Casa Sueca, R. Nova do Almada, 3.

Preço baratissimo

# F. CUNHA

DEPOSITO POR GROSSO  
DE  
MATERIAS PRIMAS PARA CALÇADO



Unico depositario em Portugal das  
acreditadas fôrmas para calçado de Belvallette Frères  
em diferentes modelos

67, RUA DO CRUCIFIXO, 67  
LISBOA

## PÓ DINAMARQUEZ

Para tinta de sapateiros e surradores já experimentado com aprovação  
por muitos fabricantes de calçado em Lisboa e Porto

50 grammas em meio litro de agua a ferver produz tinta preta para immediata  
applicação em sola e pelles, tanto pelo lado do carnaz como pela flôr.  
Vende-se em saquinhos de papel de 50 grammas a 40 rs. Em porções de um kilo  
para mais se faz abatimento.

Agentes em Portugal — GOMES & FILHOS

LISBOA — 190, Rua dos Fanqueiros, 192

10

## JOÃO VERISSIMO PEREIRA

181, R. Direita de Oeiras, 181

OFFICINA

DE

Sapatos de trança

Preços por duzia sem desconto  
para mulher n.º 1 a 5, 4.000  
réis, para homem n.º 6 a 11,  
4.800 réis.

11

## LOJA DE FERRAGENS

16, RUA DO AMPARO, 16 — LISBOA

N'este estabelecimento encontra a sapataria um abundante sortimento de varios artigos de seu consumo, taes como prego, carda e broxas, das melhores fabricas; fio, cerdas, botões, etc. As melhores ferramentas do officio, como torquezes, facas, grozas, buxetes, etc. Encontram-se n'esta casa os ferros de caixa e as caixas de esporas, dos melhores fabricantes da actualidade. Todas as encomendas por atacado teem desconto e as de mil kilos para cima, enviam-se pelos caminhos de ferro com transporte gratis — as de 500 kilos pagam só metade do transporte. Vende-se a gommalina que substitue com grande vantagem a colla ou massa anteriormente empregada no officio.

12

Pedidos dirigidos a ANTONIO PAES BAETA